

ATLETA DE INCLUSÃO: UMA HISTÓRIA DE VIDA

ANA PAULA MARTINS FABORGES

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar e expor os caminhos e desafios enfrentados por atletas de paraciclismo. Para isso, foi aplicada a metodologia da história oral de vida, seguindo de um questionário semiestruturado, participou deste estudo um paratleta da modalidade em questão. Verifica-se que as dificuldades encontradas principalmente para romper a barreira inicial, é algo bem relevante, porém, os benefícios que o esporte pode vir a oferecer também sejam de grande valia. Nesse sentido, é possível concluir que a pessoa com deficiência tem muitas dificuldades ao longo da vida em suas diversas fases, porém, o esporte adaptado, seja por inclusão ou alto rendimento, lhe traz um novo sentido à vida.

Palavras-chave: Dificuldade. Pessoa com deficiência. Esporte adaptado. Qualidade de vida.

INTRODUÇÃO

O objetivo geral deste estudo é analisar e expor os caminhos e desafios enfrentados por atletas de paraciclismo até chegar ao alto rendimento da modalidade. Para isso, tencionamos realizar uma história de vida oral com vistas a compreender melhor esse processo.

O Artigo 4^a do Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira, define a deficiência física como:

[...] alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções.

Por sua vez, as deficiências são definidas por Amiralian *et al.* (2000, p.98) como:

[...] perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um

membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais.

Deficiência visual é a perda parcial ou total capacidade visual, podendo ser essa perda de ambos os olhos ou de apenas um lado (GORGATTI; COSTA, 2008). Para World Health Organization (2010 *apud* PEREIRA, 2014), deficiência intelectual é a redução da capacidade de compreender, aprender e aplicar informações novas e complexas, acarretando o prejuízo das funções cognitivas, e linguagem, de habilidades motoras e capacidades sociais.

Resumindo, a deficiência física pode ser descrita como um comprometimento de funções físicas e motoras, dadas por amputações, má formação ou deformações de membros ou órgãos (SCHIRMER, 2007).

As pessoas com deficiência física, nos dias atuais, encontram muito mais recursos para melhorar suas condições de vida, inclusive através da prática de atividade. A atividade física adaptada é reconhecida por ser uma área voltada para prática de atividades físicas de pessoas com deficiência (BARBANTI, 2011, p. 42), e o esporte adaptado é aquele modificado de forma a melhor atender a essas mesmas pessoas (GORGATTI; COSTA, 2008, p. 544).

Os benefícios oferecidos pelo esporte podem ser relacionados às ideias de reabilitação social, motora e pessoal. É importante destacar o aumento da autoestima, autoconfiança, independência e principalmente a autoaceitação. Esses são pontos facilmente visualizáveis quando uma pessoa com deficiência passa a praticar atividades físicas, principalmente quando inseridas no seu próprio eixo: esportes adaptados.

O paraciclismo é um esporte paralímpico, que pode ser praticado por pessoas com diferentes tipos de deficiência: visual, físico-motora ou paralisia cerebral. Ression, Araújo e Pimenta (2014, p.1) afirmam que:

O ciclismo paraolímpico é muito parecido com o ciclismo tradicional, pois é, os atletas que participam são pessoas com deficiências de tipo amputação, tetra ou paraplegia, paralisia cerebral ou deficiência visuais.

Portanto, entende-se que o paraciclismo é um esporte adaptado de alto rendimento, sendo uma modalidade vinda do ciclismo, porém, com adaptações

necessárias para pessoa com deficiência física/motora, visual e/ou intelectual (FERREIRA, 2016).

O paraciclismo surgiu no ano de 1980, inicialmente sendo praticado somente por pessoas com deficiência visual. Pouco tempo depois, no ano de 1984, durante a paralimpíada de Nova Iorque, os paralisados cerebrais e os amputados foram inclusos à modalidade, porém, foi apenas em 1996, na paralimpíada de Atlanta, foi inclusa a regra de classificação das deficiências por categoria para a participação de competições da modalidade. Em 2000, a *handbike* foi exibida pela primeira vez na cidade de Sidney (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2016).

A estreia do Brasil na modalidade se deu através do paratleta Rivaldo Gonçalves Martins, em 1992, este, foi o primeiro atleta brasileiro a se tornar campeão mundial, em 1994, na Bélgica. A primeira conquista brasileira em paraolimpíadas foi adquirida por Lauro Chaman, no Rio 2016, sendo duas medalhas, uma prata e um bronze (COMITÊ PARAOLÍMPICO BRASILEIRO, 2019).

No Parapan-Americano de Lima 2019, a equipe brasileira de paraciclismo conquistou um total de oito medalhas, sendo essa, a melhor participação da equipe até o momento atual. Esse resultado pode confirmar a ascensão desse esporte nacional e internacionalmente (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO, 2019).

Para entender o paraciclismo, é preciso primeiramente saber que "os atletas podem competir em quatro tipos de bike, de acordo com a deficiência: convencional, triciclo, tandem e *handbike*" (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2019).

O site *Vá de Bike* (2012, online) define a *handbike* como:

(...) um tipo de bicicleta pedalada com as mãos, em posição sentado (passeio) ou deitado (esportiva). Adequada a pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, possui muitas semelhanças com uma bicicleta tradicional do tipo reclinada, tendo como diferenças fundamentais a estrutura de três rodas e, claro, a posição dos pedais.

Portanto, a *handbike* é relativamente um equipamento novo, que faz a combinação da cadeira de rodas tradicional, com manivela operada pelas mãos (ABEL et al, 2010).

Para se falar da adesão de pessoas com deficiência ao esporte adaptado, é necessário entender também quem é o praticante, ou seja, o atleta. Barbanti (1994, p.42) define o atleta como "aquele que compete em esportes organizados,

estruturados. Popularmente diz-se das pessoas que adquiriram força e habilidades por meio de exercício e de treinamento”.

Diante das informações apresentadas, a pergunta deste estudo é: quais são os caminhos e desafios que uma pessoa com lesão medular enfrenta até chegar ao esporte de alto rendimento paraciclismo? Para responder a esta pergunta, iremos aplicar uma metodologia inspirada na história de vida oral (MEYHY, 2010) em um atleta paraolímpico de paraciclismo, buscando em sua perspectiva dos acontecimentos e inserção nesse mundo, bem como na bibliografia consultada, um modo de ampliar e dar exposição ao conhecimento que se têm sobre o tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este artigo será elaborado a partir de uma pesquisa de campo, baseando-se na metodologia da história oral nos moldes sugeridos por Meihy (2010). É importante ressaltar que existem diversas ramificações dessa linha de pensamento, dentre as principais estão história oral temática, tradição oral e história oral de vida, que será o modelo utilizado neste estudo. Esta ramificação é uma narrativa que pode ser gravada ou filmada, e trata de relatar a trajetória existencial de uma pessoa.

Na história oral de vida, sua subjetividade é essencial, sendo independente as provas objetivas. Nesta perspectiva, as narrativas desta entrevista podem ser inspiradas em fatos reais, mas podendo também inspirar-se em fantasias, delírios e diferentes versões de “verdade”, como distorções e imaginação. Uma narrativa ainda é essencial no que não diz, na sua quietude, falha ou distração. É principalmente esta peculiaridade que nos interessa nas narrativas obtidas. Meihy e Holanda (2010) explicam que a história oral se inicia com a criação de um modelo de projeto que possui um entrevistador e uma população a ser entrevistada, população essa, que pode ser de uma só pessoa ou de várias. Nesse modelo de projeto, o entrevistador é responsável por coordenar a pesquisa e sua amostra, ou seja, a população.

É de extrema importância que a entrevista seja gravada e depois transcrita, a fim de evitar que as respostas sejam esquecidas ou tenham seu sentido alterado, portanto, deve-se realizar a elaboração de alguns protocolos antes de realizar a entrevista. (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Dentre os fatores a serem considerados estão o um tempo de duração estimado, local das gravações, condução da entrevista, tipo de gravação a ser

realizada e método de transcrição, conferência e arquivamento das gravações. Além disso, deve-se haver o cuidado de, no momento da publicação dos resultados obtidos, estes devem ser encaminhados primeiramente aos entrevistados (MEIHY; HOLANDA, 2010).

Em vista disso, a entrevista foi realizada com um atleta de paraciclismo com lesão medular adquirida. O participante foi entrevistado em sua própria residência no interior de São Paulo. Foi aplicado um questionário semiestruturado (apêndice 1) contendo dez perguntas relacionadas ao esporte paralímpico e as suas dificuldades já vividas. Todo o processo de entrevista foi concluído em 2 horas, que foi gravada e transcrita para arquivamento da mesma, sendo aplicada na discussão do trabalho, articulado com a literatura.

DIFICULDADES DE UM PARACICLISTA

Um dos desafios mais prováveis que uma pessoa enfrenta até se tornar um atleta da modalidade em questão é vencer a barreira psicológica que se cria pós-trauma (acidente), no caso aqueles que não nasceram com a lesão. Como motivo de incentivo para a permanência, além do prazer pela competição, pode-se citar a vida social, os benefícios à saúde, qualidade de vida e a superação dos próprios limites diariamente.

Um estudo realizado por Teodoro (2006) aponta que as maiores dificuldades enfrentadas por um paratleta no dia-a-dia estão relacionadas ao meio de locomoção, devido à escassez de acessibilidade nos transportes públicos, falta de infraestrutura para a prática esportiva, a dificuldade de se encontrar profissionais de educação física qualificados para esse ramo e o alto custo financeiro de se manter a rotina de treinamentos.

Através da entrevista realizada para compor o estudo, os relatos da amostra confirmam as dificuldades expostas pela literatura. Chamam atenção as seguintes falas do participante da pesquisa:

A acessibilidade esta bem atrasada, podemos ver que esse problema não é só da minha cidade mas sim do município, do estado e do nosso país. Já tive a oportunidade de estar indo para outro país, aí a gente vê que a acessibilidade está muito à frente, e a gente volta todo encantado e querendo que um dia isso aconteça no nosso país.

As dificuldades enfrentadas pelos paratletas se iniciam, muitas vezes, ao sair de casa, quando não se possui nas ruas, uma calçada devidamente nivelada e marcada para a circulação de todo e qualquer indivíduo. Ir e vir em grandes distâncias também é uma dificuldade enorme, pois, os transportes públicos e até os privados (táxis) pouco atendem às pessoas com deficiência, um exemplo claro é o transtorno gerado quando um cadeirante precisa subir no ônibus, situação que só não é pior do que o ônibus não parar para essa pessoa. Normalmente, quando se pensa em situações de preconceito, imagina-se um ambiente ou serviço público, porém, além das dificuldades com a acessibilidade, o entrevistado afirma que já passou situações de preconceito e discriminação em transportes particulares: "eu já sofri preconceito no táxi, ele não quis me levar por causa da minha cadeira de rodas"

A esse respeito, ainda é possível nos depararmos com diversas situações de preconceito em relação às pessoas que possuem algum tipo de deficiência, fato ligado ao motivo de vivermos numa sociedade cuja cultura é muito excludente. No estudo realizado por Benfica (2012), é possível encontrar diversos relatos de dificuldades que estão muito ligados a diversas situações de preconceito, como, por exemplo, o mau trato em filas prioritárias, discriminação na compra de automóveis, tratamentos pejorativos na escola, e outras situações de preconceitos principalmente em espaços públicos.

A falta de acessibilidade é uma realidade do nosso país. A grande maioria dos estabelecimentos e até dos espaços públicos ainda não estão preparados para receberem pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

Quanto à hospedagem, encontrar estabelecimentos com dormitórios, banheiros e acessos acessíveis é muito difícil. Quando vai acontecer uma competição, onde um número grande de atletas deve ficar hospedados em uma mesma cidade, gera-se uma situação de extremo estresse, causando uma procura intensa por dormitórios adaptados, porém, se deparando com a escassez desses locais.

Além do preconceito vivido diariamente, a situação financeira se transforma também num fator crucial para a entrada e permanência do atleta na modalidade, algo que vai além do paradesporto. No estudo realizado por Benfica (2012), afirma-se que o a maior dificuldade inicial é justamente a dificuldade financeira, pois, esportes de alto rendimento, por diversas vezes geram também um alto custo aos seus praticantes.

O aporte financeiro é um dos grandes responsáveis para a adesão, permanência ou evasão de um atleta no esporte de alto rendimento, em meio a entrevista, uma das perguntas estava relacionada ao apoio financeiro. O participante explica que o custo do esporte de alto rendimento no paraciclismo é muito elevado

A gente tem uma dificuldade: equipamentos são caros, manutenção cara, nós temos que viajar o Brasil inteiro de avião né!? A maior parte das nossas viagens é feita de avião, então são vários estados do Brasil que a gente percorre durante o ano e são custos elevados, e o retorno é muito pequeno perto do que a gente gasta. Então a importância do apoio das empresas da iniciativa privada e pública é de extrema importância.

Os relatos apresentados no estudo de Benfica (2012) deixam claro que os empresários procuram por atletas já formados para patrocinar e/ou apoiar, o que dificulta a carreira daqueles que estão iniciando no esporte, deixando claro, muitas vezes, a falta de incentivo financeiro.

Dentre todas as dificuldades encontradas pelos paratletas, uma das mais agravantes é a falta de profissionais qualificados. O estudo de Benfica (2012, p. 64) expõe o relato de um atleta, que diz “a maior dificuldade é de você encontrar profissional capacitado para trabalhar, que queira trabalhar, que se dedique, que faça com amor, que faça com carinho. Não só pelo dinheiro”.

Quando questionado sobre o profissional de educação física, o entrevistado afirma

A importância do profissional de educação física é fundamental pra gente tá seguindo os treinamentos corretamente fazendo os exercícios e da forma correta, seguindo as planilhas de treino passando todo o feedback porque quando a gente fala em esporte adaptado em esporte de alto rendimento não é só simplesmente fazendo aleatório ou da maneira que a gente acha que tem que ser, eu escutei muito isso, sem um profissional a gente não chega a lugar nenhum, e justamente eu tenho um profissional que me monitora, que tá junto que é um parceiro, passa todas as planilhas e que eu consigo seguir certinho e dá todo o feedback pra ele então é fundamental mesmo.

No relato durante a entrevista, falar do profissional de Educação Física pode se perceber que é fundamental ter esse acompanhamento, porém, não é possível dizer que seja algo fácil de se encontrar.

Outro fator que deve ser considerado é a mídia, que é um meio muito importante para divulgação esportiva. Diversos paratletas relatam que foi através da

divulgação das Paraolimpíadas do ano de 2004 que conheceram o paradesporto, gerando, assim, o interesse de adentrarem nas práticas esportivas (BENFICA, 2012).

Em vista disso, podemos analisar o relato do entrevistado:

É depois da paralimpíada em 2016 a mídia voltou mais os olhos para o esporte paralímpico. hoje a gente temos o centro paralímpico é o maior centro paralímpico da América Latina. Então a mídia voltou agora os olhos para o esporte adaptado e também lógico tanto por mérito dos paratletas por ter conseguido muitas medalhas e a gente conseguiu ir muito bem nas paralimpíadas e no para panamericano. Então graças a Deus a mídia tá olhando um pouquinho mais para a gente, mas em relação aos outros países ainda a gente está bem atrás.

Desse modo, surge uma pergunta: para ser reconhecido na mídia é preciso vitórias e medalhas? Faz-se importante ressaltar que a mídia pode ser tanto um meio facilitador quanto um meio dificultador e preconceituoso, pois, atualmente, a visibilidade dada às práticas esportivas não convencionais é muito escassa, o que causa grande frustração nos paratletas. Além disso, a veiculação de imagens tidas como vencedoras restritas aos atletas sem deficiência é uma forma de silenciamento de outros corpos, outras formas de existir.

Diante de todos os obstáculos enfrentados diariamente, o estado psicológico e emocional do atleta deve ser bem preparado. Segundo Alexandre e Ricardo (2008), no Brasil não há valorização necessária para se trabalhar com o psicológico e o emocional, diferente dos fatores técnicos, táticos e físicos, talvez seja pelo fato de existir uma carência muito grande de profissionais e estudos sobre a psicologia do esporte, se agravando ainda mais quando se trata de esporte para pessoas com deficiência.

Em seu estudo, Alexandre e Ricardo (2008, ONLINE) explicam

A psicologia do esporte estuda o comportamento dos indivíduos em situações de prática desportiva e também os efeitos que a participação em atividades físicas, competitivas e recreativas pode ter em seus praticantes e outros fenômenos que a ela pode-se associar.

Sabe-se que existem diversos testes e metodologias da psicologia do esporte que são aplicados nos atletas com objetivos de melhoras quantitativas e qualitativas de seu desempenho, porém, é nítida a falta dessas metodologias e testes para atletas com deficiência. Os profissionais da área passam muito tempo adaptando essas

ferramentas, porém, elaborar uma ramificação da psicologia esportiva voltada ao paradesporto seria suficiente, sem a necessidade de se criar algo diferente, apenas algo que contemple o atleta lembrando que o mesmo possui alguma deficiência. (ALEXANDRE; RICARDO, 2008).

O entrevistado relata:

Eu costumo dizer que depois do meu acidente que eu fui me tornar um atleta, infelizmente ou felizmente né, então, eu falo que o esporte na minha vida foi a melhor coisa que aconteceu. Era um cara que levava uma vida sedentária e a gente não tinha tanto recurso. E aqui na nossa cidade, na nossa região, o esporte paralímpico estava começando ainda, então o esporte na minha vida, hoje, é o que eu sei fazer, é o que eu gosto de fazer. Já pratico várias modalidades né: faço atletismo, faço paraciclismo, faço handebol em cadeira de rodas e o esporte agora para mim é minha profissão, então eu amo o que eu faço. E o esporte é vida né, deixei de ser sedentário, deixei de estar fazendo esporte por inclusão, ou comecei no esporte por inclusão até chegar no esporte de alto rendimento então eu acho que isso para mim é maravilhoso, fora a saúde qualidade de vida que a gente tem né, o convívio e viajar o país fora do país conhecer pessoas, então eu falo que o esporte mudou a minha vida.

Portanto, é necessário ter consciência de que o esporte é algo que transforma as pessoas. Além da questão de saúde física, o esporte proporciona uma melhora da saúde emocional. Através da fala do participante, podemos entender que o sentimento se transforma: você deixa de ser apenas incluso naquele contexto, e passa a fazer parte de forma ativa do mesmo.

Alexandre e Ricardo (2008) levantam um questionamento importante a respeito do esporte e suas competições voltadas as pessoas com deficiência: como ocorre a real inclusão social desses atletas? Deve-se existir um cuidado imenso para que estes não sejam inclusos apenas por conveniência, enquanto ainda estão conquistando medalhas, trazendo a imagem da falsa inclusão. A preocupação não pode estar centrada apenas em reabilitar para conquistas esportivas, mas sim reabilitar para a vida. Quando há oportunidade de ouvir estes relatos, podemos pensar em algo além da inclusão, visto que deve-se pensar além do alto rendimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, foi possível refletir que a pessoa com deficiência tem muitas dificuldades ao longo da vida em suas diversas fases, porém, o esporte

adaptado, seja por inclusão ou alto rendimento, lhe traz um novo sentido à vida. Sendo assim, podemos considerar a relevância deste estudo no conhecimento individual de cada pessoa, independente da deficiência.

Diante dos relatos encontrados tanto na literatura, como na entrevista, ressaltar as dificuldades encontradas principalmente para romper a barreira inicial, é algo bem relevante, porém, os benefícios que o esporte pode vir a oferecer também sejam de grande valia.

O esporte adaptado pode ser relacionado as ideias de reabilitação social, motora e pessoal, podendo ser uma estratégia de promoção de saúde, da autoestima, autoconfiança, independência e uma das principais: a autoaceitação, sendo estes os pontos mais visíveis quando uma pessoa com deficiência é inserida a prática de atividade física adaptada.

Entretanto, deve-se levar em conta que o número de participantes deste estudo foi um número reduzido, porém, os relatos obtidos podem corroborar com os estudos já presentes na literatura, podendo então, agregar mais conhecimento sobre o presente assunto.

REFERÊNCIAS

ABEL et al. The exercise profile of na ultra-long handcyclin grace: the Styrkeprovenexperience. **Rev. Spinal Cord**, 48: 894-898, 2010. Disponível em <<https://www.researchgate.net/publication/43346070>>. Acesso em 03/09/2019.

AMIRALIAN, Maria LT et al. Conceituando deficiência. **Rev. Saúde Pública**, 34 (1): 97-103, 2000. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v34n1/1388.pdf>. Acesso em 27/05/2019.

ANDRADE, Alexandro; BRANDT, Ricardo. **A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais**: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas. Revista digital efdeportes.com. Disponível em <<https://www.efdeportes.com/efd121/a-psicologia-do-esporte-atletas-portadores-de-necessidades-especiais.htm>>. Acesso em 02/12/2019.

BARBANTI, Valdir José. **Dicionário de educação física e do esporte**. 3 ed. rev. ampl. Barueri, SP: Manole, 2011.

BARBANTI, Valdir José. **Dicionário de educação física e esporte**. 3 ed. rev. ampl. Barueri, SP: Manole, 2011. 480 p.

BRASIL. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providencias.

BRESSION, V. J. C.; ARAÚJO, C. A. de; PIMENTA, E. R. **HBIKE-MIX-Novo Equipamento para projeto de handbike**. Simpósio de Programa de pós-graduação em Engenharia mecânica. Uberlândia, MG: Posmec, 2014. Disponível em http://www.swge.inf.br/PDF/POSMEC2014-0074_16619.PDF. Acesso em: 15/05/2019.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Ciclismo**. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/modalidades/58/ciclismo>>. Acesso em: 06/09/2019.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CICLISMO. **Paraciclismo**. Disponível em: <<http://www.cbc.esp.br/modalidades/index/busca/paraciclismo>>. Acesso em: 06/09/2019.

FERREIRA, Mariane. **Quem quer andar de Bicicleta?** 1 ed. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2016. 28 p.

GORGATTI, Marcia G.; COSTA, Roberto Fernandes da. **Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais**. 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2008. 660p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PEREIRA, Rodrigo Roncato. **O Papel da Variação do Número de Cópias Genômicas no Fenótipo Clínico de Deficiência Intelectual em uma Coorte Retrospectiva da Rede Pública de Saúde do Estado de Goiás.** 2014. 118 f. Tese (Doutorado em Biologia) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2014.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Ciclismo.** Disponível em: <<http://www.rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/modalidades/ciclismo>>. Acesso em: 06/09/2019.

SCHIRMER, Carolina R. et al. **Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Física.** Brasília, DF: Grafica e Editora Cromos, 2007. 129p.

TEODORO, Célia Maria. **Esporte adaptado de alto rendimento praticado por pessoas com deficiência: relatos de atletas paraolímpicos.** 2006. 135 p. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

VÁ DE BIKE. **Handbike, uma bicicleta inclusiva.** Disponível em: <<http://vadebike.org/2012/08/handbike-handcycle-bicicleta-inclusiva/>>. Acesso em: 10/09/2019.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO.

- 1- Sua lesão é congênita ou adquirida?
- 2- Qual a importância da família, dos amigos, nessa nova etapa da sua vida?
- 3- Qual foi a maior dificuldade na reabilitação e na inclusão social perante a sociedade?
- 4- Como você conheceu a atividade física adaptada?
- 5- Você teve alguma dificuldade para começar a prática de atividade física?

- 6- Qual foi o maior desafio encontrado para entrar no esporte de alto rendimento?
- 7- Falando de dificuldades encontradas por paratletas:
 - 7.1- Qual a importância do incentivo financeiro?
 - 7.2- Como você vê a mídia em relação ao paradesporto?
 - 7.3- Qual a importância do profissional de educação física?
 - 7.4- Você sofreu algum preconceito?
 - 7.5- A questão de acessibilidade, como você vê acessibilidade?
- 8- Hoje no Brasil temos um centro de excelência, que é o Centro Paralímpico Brasileiro, você poderia nos relatar qual a importância para os paratletas brasileiros?
- 9- O quanto é importante o esporte na sua vida?
- 10- Quais são as suas expectativas em relação ao esporte paralímpico brasileiro?